

AMIR KHAIR

akhair@uol.com.br



Desatar o nó

A economia enfrenta sério problema de baixo crescimento e inflação acima do centro da meta. Isso pode ameaçar o bom nível de emprego e de salários, que são importantes fatores para sustentar o consumo.

O quadro apresenta a evolução ocorrida com a Selic média anual nas diversas gestões de presidentes do BC, que gozaram de liberdade para arbitrar o valor da Selic.



ROBERTO STUCKERT/FILHO/PR-27/3/2013

Palavras. Dilma, em Durban, entrevista teve de ser explicada

dos seus próprios investimentos? Não creio. Embora essenciais, os impactos levariam alguns anos para ocorrer e o desafio se coloca para o curto prazo.

E, aí só vejo um caminho: a) estimular o consumo pela redução do arrocho imposto pelas altas taxas de juros bancárias e pela desoneração dos bens e servi-

ços de maior consumo popular e; b) estimular a oferta interna pelo posicionamento do câmbio próximo a R\$ 2,50 por dólar.

O governo já obteve relativo sucesso ao derrubar os juros na Caixa Econômica Federal e no Banco do Brasil, mas resta muito a ser derrubado nos bancos privados, e o governo tem instrumentos para seguir aliviando o peso do sistema financeiro sobre a sociedade.

Quando ao câmbio o real se encontra apreciado, fazendo com que a expansão do consumo esteja sendo atendida principalmente pela importação. O resultado deste primeiro trimestre na balança comercial (exportação menos importação) foi de um déficit de US\$ 5,2 bilhões (?). Isso acendeu a luz amarela ao governo. Se não ocorrer a desvalorização cambial, como estão fazendo os Estados Unidos, Europa, Japão e China, o rombo externo vai crescer e não será mais financiado pelo ingresso do investimento direto de estrangeiro (IDE).

Vale lembrar que para o equilíbrio das contas externas será necessário posicionar o câmbio mais próximo de R\$ 3, pois no período de 2003/2007 em que essas contas foram superavitárias, o câmbio em valores atuais esteve em R\$ 3,80.

Como o governo acredita que o câmbio acima de R\$ 2 irá gerar inflação, e o momento não é adequado para isso, a possibilidade de efetuar a desvalorização do real pelo estar sendo deslocada para algum momento do segundo semestre. Vai nessa direção a redução do fluxo cambial comercial, onde o equilíbrio entre oferta e demanda pela divisa estrangeira mostra claros sinais. Neste primeiro trimestre o rombo nas contas externas alcançou US\$ 18,0 bilhões crescendo 50% em relação a igual período de 2012.

Para desatar o nó da economia, o governo não pode esperar mais. É necessário reduzir os juros dos bancos privados e desvalorizar o real para a vizinhança de R\$ 2,50 em algum momento do segundo semestre quando a inflação poderá estar arrefecida. É aguardar.

Jovens se afastam do emprego doméstico

Participação dos empregados domésticos com menos de 39 anos caiu de 68,5% do total em 2002 para 51,3% em 2011

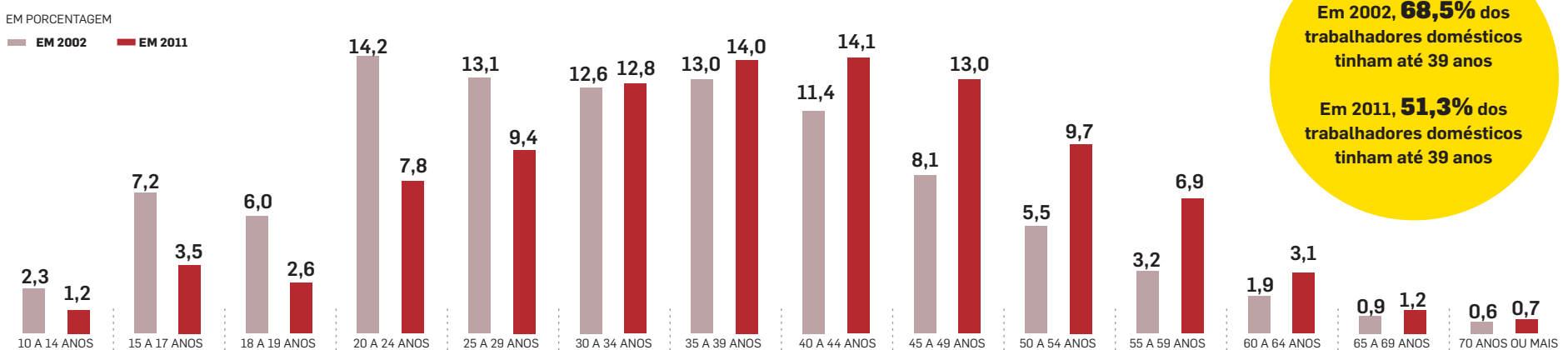
Luiz Guilherme Gerbelli
Márcia De Chiara

A quantidade de brasileiros jovens no setor de serviço doméstico é cada vez menor. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) mostram que 51,3% dos trabalhadores dessa categoria tinham até 39 anos em 2011 - em 2002, a fatia era bem maior, de 68,5%. Em números absolutos, o total de trabalhadores nesse perfil caiu de 5,2 milhões para 3,8 milhões.

A fuga dos trabalhadores mais novos é impulsionada pelo bom momento do mercado de trabalho, capaz de abrir oportunidades em outros setores da economia - em fevereiro a taxa de desocupação foi de 5,6%, a menor para o mês desde 2003, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O grau de escolaridade do bra-

MAIS VELHOS

Participação dos trabalhadores domésticos por faixa etária



Fonte: Pnad (IBGE)

Em 2002, 68,5% dos trabalhadores domésticos tinham até 39 anos. Em 2011, 51,3% dos trabalhadores domésticos tinham até 39 anos.

sileiro que atua em serviços domésticos também aumentou, o que facilita a migração para outras atividades. Os empregados

domésticos com até 39 anos aumentaram o tempo de estudo médio de 5,9 anos para 7,2 anos entre 2002 e 2011. Na faixa acima

de 40 anos, a escolaridade média cresceu de 3,8 anos para 5,3 anos no mesmo período. "Quando a educação aumenta,

a pessoa tem mais oportunidade. O mercado de trabalho está bom e o trabalhador mais qualificado não opta por fazer o serviço doméstico", diz Fernando de Holanda Barbosa Filho, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pesquisador do Ibre. "As novas gerações estão em posição de aproveitar esse momento de melhora no mercado de trabalho."

Novo cenário

FERNANDO DE HOLANDA BARBOSA FILHO

PROFESSOR DA FGV E PESQUISADOR DO IBRE. "Quando a educação aumenta, a pessoa tem mais oportunidade. O mercado de trabalho está bom e o trabalhador mais qualificado não opta por fazer o serviço doméstico."

semblava com a antiga empregada cerca de R\$ 1.500 por mês. Mas agora com a nova lei e diante do grande número de dívidas de como a legislação será aplicada, ele decidiu "pisar no freio". O primeiro passo foi comunicar à agência encarregada de recrutar a candidata a doméstica de que, a partir de agora, o interesse é por uma diarista duas vezes por semana. No momento, ele já tem uma passageira que vai uma vez por semana cuidar da roupa. Além disso, Silveira apressou a compra de uma lava-louça, que custou R\$ 1.350. "Com a lava-louça vou economizar água. A máquina gasta 19 litros de água e a louça lavada na pia consome 120 litros", observa o empresário.

Troca. Apesar da saída dos mais jovens, a professora do Inspere acredita que, ao menos no curto prazo, o trabalhador doméstico não deve ficar tão raro como em países de economia madura. "Acredito que tenhamos um certo movimento nos próximos meses de trabalhadores transitando do trabalho doméstico mensal, para uma só família, para o trabalho como diarista, com dias alocados para famílias diferentes."

O empresário Raimundo Silveira, por exemplo, mudou os planos de contratação de uma empregada, depois da aprovação da nova lei das domésticas. Desde o fim do ano passado, ele procurava uma empregada mensalista para trabalhar na sua casa, onde mora com a mulher e o filho. "Nossa empregada se desligou no fim do ao passado e, de lá para cá, fizemos várias tentativas que não deram certo", conta o empresário. Entre salário e encargos, ele de-

Juliana Chaves, sócia da agência Veritas, especializada no recrutamento de empregados domésticos, conta que, após a aprovação da nova lei para os empregados do setor, aumentou a solicitação de diaristas. Na sua avaliação, com mudança no perfil da demanda será possível atender mais facilmente a procura porque a oferta de mensalistas era muito restrita.

Advertisement for Kalunga.com featuring various HP products like printers, scanners, notebooks, and calculators with promotional prices and a 'CONFIRA!' stamp.

Advertisement for Kalunga.com featuring various HP products like printers, scanners, notebooks, and calculators with promotional prices and a 'CONFIRA!' stamp.

Advertisement for Kalunga.com featuring various HP products like printers, scanners, notebooks, and calculators with promotional prices and a 'CONFIRA!' stamp.

Crise pode tirar OGX e HRT de leilão de petróleo

A OGX, de Eike, só deve participar do leilão se vender ativos; HRT procura parceiro no mercado internacional

Fernanda Nunes
Mônica Ciarelli/RIO

Às vésperas do primeiro leilão de áreas de petróleo após cinco anos, as duas apostas brasileiras alternativas à Petrobrás - OGX e HRT - correm o risco de não participar da 11.ª Rodada da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Ambas têm em comum lideranças carismáticas, Eike Batista e Marcio Mello, que se valeram do poder de comunicação para atrair investidores aos seus projetos. Agora, as duas compartilham também uma crise de credibilidade por parte do mercado. A OGX só participará do leilão

se vender ativos nas bacias de Campos (Sudeste) e Parnaíba (Nordeste), como informou o analistas de mercado o presidente da empresa, Luiz Carneiro. Mas esse não é o melhor momento para vender os ativos. As ações da petroleira atingiram na última sexta-feira a mínima histórica de R\$ 1,71, após quedas consecutivas de 10,81% e 13,64% nos dois últimos pregões da semana passada. Em um ano, a OGX acumula perda de 88,32%. Diante de tantas más notícias, Eike já não demonstra otimismo que no passado atraíu os investidores. Desde que os papéis da sua petroleira começaram a despencar, em decorrência da queda da produção no campo de Tubarão Azul, entre janeiro e fevereiro, o empresário não é mais visto em eventos e tampouco aparece publicamente para falar dos negócios. Esse é um Eike bastante diferente daquele de 2007, que cha-

mou de "barato" o US\$ 1,47 bilhão pagos pela aquisição de 21 blocos exploratórios. Na época, o empresário recorreu à numeração para fazer os seus lances, todos encerrados com o número 63, o mesmo que adota em suas lanchas de corrida. "É o número de sorte do grupo e até agora a numeração tem dado certo", disse ele. Atualmente, a ordem é "disciplina de capital", como Carneiro ressaltou, recentemente, a analistas. Já Márcio Mello esteve sumido nos últimos 40 dias, em busca de investidores estrangeiros para dividir o capital da HRT. O plano foi abortado diante do baixo valor das ações, cotadas a R\$ 4,39, longe da marca de R\$ 43 atingida em março de 2011. Parceria. Sem dívida com bancos, a HRT está em melhor posição e participará do leilão se fechar parceria com outras petroleiras, sem, no entanto, injetar



WILTON JUNIOR/ESTADÃO/30/03/2008

Queda. Mercado passou a 'punir' OGX e HRT após frustração

dinheiro no negócio, apenas entrando com "know how". OGX e HRT vivem uma crise de credibilidade desde o meado do ano passado. Ambas estão em fase pré-operacional e, aos olhos do mercado, não cumpriram

suas promessas. Mello diz que os investidores são "injustos" com ele e Eike. "Estamos apenas dois anos de atuação. Não entregamos o que prometemos, mas vamos entregar", reclamou.

A HRT sofre o "efeito Eike", admite o executivo, no qual petroleiras de médio porte são penalizadas por comunicações excessivamente entusiasmadas feitas na época de suas estreias na BM&F Bovespa, mas que ainda não se concretizaram. Para descolar sua imagem da de Eike, Mello afirma o seu perfil técnico, de ex-funcionário da Petrobrás. A aposta do empresário é que, se o mercado financeiro está avião por retornos rápidos em meio à crise internacional, e por isso cobra retorno imediato da HRT e da OGX, há recurso disponível por parte de outras petroleiras interessadas na formação de parcerias. A HRT negocia participações em seus ativos na Bacia do Solimões, na região Norte do País, e na Namíbia. No país africano, a conclusão da parceria deverá sair até o fim deste mês, antes do anúncio do resultado exploratório na área.

Gerações

DIARISTA FORMOU O FILHO EM NUTRIÇÃO

'Paguei até a festa de formatura dele', diz Santana

O maior orgulho da vida da diarista Santana Barbosa Freitas dos Santos, 47 anos, foi ver o filho, Lucivaldo Freitas dos Santos, hoje com 26 anos, fazer o discurso do orador na conclusão do curso de nutrição. Santana foi fundamental para que o filho conseguisse alcançar um diploma universitário. "Estou com o meu sonho realizado. Consegui pagar uma faculdade e até a festa de formatura para ele", lembra. Para ver o filho formado, porém, o esforço foi grande. Ela teve de aumentar a carga de trabalho. Passou a sair de casa às 4h30 e só voltava por volta das 23h30. Isso de segunda-

feira a sábado. "Eu comecei a trabalhar de segunda a sábado. Trabalhava 12 horas por dia para ajudar nos estudos deles", afirma Santana. Hoje, com o filho já formado e trabalhando como nutricionista, conseguiu reduzir a jornada para 8 horas por dia. Mas nem por isso o esforço é menor. Diariamente, gasta em média seis horas no trânsito. Durante a graduação, Lucivaldo conseguiu uma bolsa de estudo integral na faculdade, mas o gasto com o transporte era de R\$ 200 por mês. E isso pesava no orçamento familiar. Ele chegou a trabalhar em dois locais - primeiro num pet shop, depois num supermercado -, mas desistiu para se dedicar ao curso de

graduação. "Eu trabalhava num pet shop e ficava até as 7 horas da noite. Era complicado. A minha mãe falou para eu sair do trabalho que ela aguentaria as pontas. Sai do emprego e me dediquei somente ao curso", afirma Lucivaldo. "Em seguida, arrumei um novo trabalho, num supermercado. Ai foi o momento de sentar e conversar novamente. Acabei saindo desse segundo emprego, porque ficava mais fácil pagar a condução e manter a bolsa de estudo do que correr o risco de perder a bolsa", afirma ele, que reconhece a importância da ajuda da mãe para a conclusão do curso. "Não dá para falar desse período e não lembrar do esforço da minha mãe." O trabalho árduo da diarista Santana foi compensando pelo aumento da procura por empregadas. Hoje, se pudesse, "pediria para que fossem criados mais dias na semana" para dar conta de toda a demanda pelo seu trabalho. Ela é pernambucana, da cidade de São José do Egito, e



JF DIORIO/ESTADÃO

Apoio. Santana e Lucivaldo, mãe e filho comemoram o curso universitário do jovem

chegou a São Paulo em 1988. Na época, o filho tinha 11 meses. Por um período, foi trabalhar de babá. "Meu filho tinha entre três e quatro anos nessa época."

Decidiu virar diarista depois de conversar com uma colega de trabalho na época em que limpava o shopping Aricanduva. "Uma amiga minha falou: 'O

que você está tirando no mês eu estou tirando numa semana", lembra. De lá para cá, já se passaram 18 anos. / L.E.B.